63

GR.·. OR.·. LUZ.·. UN.·.

Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Port.·.

RESP.·. LOJ.·

Pujança

Peça de arquitetura proferida pelo Ir.·, Orad.·. Raul Marques Caldeira, na sessão solemne realisada em 17 de Maio de 1916, por motivo da sua instalação.

Resp.·. Ven.·. e meus Ir.·.

Impozeram-me os meus RR.·. Ir.·. da loj.·. Pujança a obrigação de desempenhar o cargo de seu Orad.·..

Aceitei, não só porque entendo que ninguem tem o direito de se eximir a servir os cargos para que aqui dentro fôr nomeado, ficando aos que o elegem a responsabilidade da escolha, mas tambem porque tenho deste logar uma noção que me parece a mais consentanea com o proficuo resultado dos trabalhos das oficinas, e esta é: para que o Orad.·. seja util, basta que saiba resumir as

suas exposições, que as saiba metodisar, que dê uma forma lucida e sucinta ás suas explicações, ainda que sem rendilhados de oratoria, evitando perder tempo em discursos floriparos que, embora muito recreiem os espiritos artisticos, nem sempre satisfazem aqueles cuja orientação scientifica os habituou a tomarem da oração mais o seu significado do que a forma, embora bela na sua exteriorisação estetica, mas muitas vezes incompleta na transparencia duma logica positiva e clara, ao alcance não só daqueles que interpretam com facilidade os encantos da arte de dizer, mas tambem dos que só traduzem convenientemente o que é completo, o que pode ser reduzido a uma formula concisa e evidente.

Não é na minha idade ainda que a pratica da vida tem dado

a experiencia necessaria para falar, com autoridade, num meio como este, onde se ventilam, ou devem ventilar, a cada momento, os multiplos problemas que giram em volta dessa sciencia ainda nova, mas já complexa, a sociologia, para serem julgados pelos mais praticos, pelos mais velhos, emfim, pelos mais autorisados.

— Que sei eu da estatica social, ou teoria da ordem expontanea das sociedades?!

— Que sei eu da dinamica social, ou teoria do progresso?!

Pouco. Apenas o suficiente para fazer incidir sobre elas uma observação, certamente mal guiada, embora animada do desejo do conhecimento da verdade scientifica, da verdade positiva.

Enveredar-me nos labirintos dos alfarrabios historicos e ex-

trair deles qualquer couza para vos apresentar, sem que uma documentação propria atestasse a verdade das afirmações, seria, talvez, tarefa facil, mas não harmonica com a minha maneira de vêr.

Dizer-vos, o que centenas de vezes aqui dentro tendes ouvido que as origens da Maç.·. se perdem na obscuridade dos seculos, repetindo-vos uma historia hipotetica que a lenda alçaprema·e a ruina dos monomentos equilibra, seria perder tempo precioso que bem pode ser economisado remetendo-vos á leitura do que tantos teem escrito, o que me parece mais pratico e quiçá mais agradavel.

Subir a esta tribuna para vos dizer que foi no espaço que vae de 1735 a 1743 que a Maç.·. se estabeleceu e organisou em Portugal, duma maneira mais conhe-

cida, mais certa e que ela já se achava organisada na Inglaterra, na Alemanha, na Suecia, na Russia, etc.; seria repetir-vos o que tantas vezes tendes já ouvido.

No periodo historico que vamos correndo, o mais pratico será, em meu entender, dizer áqueles que porventura ainda se não interessaram pela investigação da origem desta Ord.·., que bem mais necessaria é a aplicação de todas as energias disponiveis á preparação do futuro e, especialmente, á analise da situação presente da Maç.·..

Deixemos as investigações do passado para melhores dias que aqueles que estão correndo sobre tudo quanto é Portuguez!

Pensando d'est'arte, serei o menos extenso possivel, resumindo as minhas considerações á exposição do programa da loj.·. que

neste momento soléne inicia os seus trabalhos dentro do Gr.·. Or.·. L.·. U.·., declarando, em nome de todos os seus OObr.·., que a loj.·. Pujança jamais se afastará do programa aqui traçado, sejam quais forem as influencias que porventura se exerçam junto de qualquer dos seus membros!

A loj.·. Pujança praticará a Maç.·. em toda a sua pureza e exijirá dos corpos superiores que essa seja a orientação seguida por todos os OObr.·. da Maç.., em geral.

Por desejo dos seus elementos, ela não aceitará no intimo da sua convivencia, no conhecimento das suas deliberações secretas, senão aqueles que se tenham tornado verdadeiros maç.·.; aqueles que, não pelo seu grau, mas pela sua intiligencia, pela sua sinceridade, tenham procurado ser uteis á co-

munidade, começando por cumprirem absolutamente os juramentos solénes que no momento da sua iniciação tantos teem proferido, mas, quiçá, poucos terão sabido honrar.

*

* *

RR.·. Ven.·. e meus IIr.·.

A loj.·. que hoje se instala, com as pompas e ritos do estilo, é constituida por OObr.·. convencidos da necessidade de activar a vida maçonica e d'aí o seu titulo «PUJANÇA», que não só significa força, mas tambem denodo e brio!

Trabalharemos tenaz e perse-

verantemente no sentido de conseguir que deste povo maç.·. irradie, pelo exemplo e pela acção bem dirigida duma propaganda metodica, uma sociedade consciente e livre das taras que a filosofia teologica ou metafisica nos aplicou pelo contagio com o ferrete igneo da sua ficção, esse ferrete que marcou a camada ignava, pseudo-intelectual, que até 1817 presidiu aos destinos da nossa raça.

Aplicaremos e defenderemos intensamente a idea do conjunto que pode talvez definir-se e aclarar-se (1) nos seguintes termos:

«A ideia do conjunto e de generalidade, oposta á ideia de detalhe e de especialidade deve pre-

(1) Adaptação das considerações de Rigolage quando se refere á escola no prefácio da «Philosophie Positive» de Augusto Comte, Vol. III.

sidir á organisação e ao funcionamento da Maç.·.

Sem duvida a Maç.·. deve ser a semelhança da familia ampliada, mas deve sobre tudo, reflectir a sociedade contemporanea no que ela oferece de melhor e de mais perfeito em todo o genero.

A principal função dos chefes dum corpo social consiste *em remediar as tendencias exclusivistas que caracterisem os associados* e a estreiteza de espirito que *d'isso* é a consequencia inevitavel.

E' á ideia de conjunto que se prende a ideia de dever. « Na nossa epoca revolucionaria cada um é demasiadamente levado a não ver mais que os seus direitos, de preferencia aos seus deveres, em vez de meditar que o exercicio dos direitos de cada um exige precisamente o cumprimento dos deveres de todos.

«A consideração da ideia de conjunto e por consequencia de deveres será a correcção da preocupação exclusiva dos direitos individuais.

«Ela desenvolverá os sentimentos de solidariedade e de abnegação á obra comum, que assegurarão á Maç.·. a sua dignidade, a sua força e o respeito de todos os outros poderes!

O novo nucleo de maç.·. que consitue a loj.·. Pujança orientar-se-ha, quando porventura a sua atenção ou o seu esforço tenham de ser dirigidos no sentido de qualquer intervenção na vida da politica nacional, pensando como pensava Gambetta quando escreveu o seguinte:

«Virá certamente um dia em

que a politica reconduzida ao seu verdadeiro papel, tendo cessado de ser o expediente dos habeis e dos intrigantes, renunciando ás manobras desliaes e perfidas, ao espirito de corrupção, a toda esta estratejia de dessimulaçao e subterfugios, tornar-se-ha o que ela deve ser, uma sciencia moral, expressão de todas as relações dos interesses, dos factos e dos habitos, em que ela se imporá tão bem ás consciencias como aos espiritos e ditará as regras do direito das sociedades humanas.»

A loj.·. Pujança diligenciará converter em lêma das suas colúnas o admiravel aforismo que Pascal, inspirado pelo seu espirito geometrico, enunciou assim:

«Toda a sucessão dos homens durante a longa serie dos seculos deve ser considerada como um

só homem que subsiste sempre e que aprende continuamente.»

*

* *

Procuraremos conseguir que todos os maç.·. tenham uma noção perfeita do simples uso convencional a dar aos principaes dogmas da escola revolucionaria, pois «eles, estudados na sua origem historica, não são senão o resultado transitorio da decadencia correspondente da antiga ordem social, cuja decomposição aceleraram.»

Todo o maç.·. consciente deve meditar nas seguintes considerações de Comte*quando se refere ao dogma da egualdade:

«Cada individuo, qualquer que

*Philosophie Positive — A. Comte, pg. 27, Vol. III.

seja a sua inferioridade tem sempre o direito, salvo no caso duma conducta anti-social, de esperar dos outros as atenções ineretes á dignidade do homem.

Apezar desta obrigação moral, que jamais foi negada, depois da abolição da escravatura, é evidente que os homens não são nem eguaes entre si, nem mesmo equivalentes e que não saberiam possuir, na associação, direitos identicos, salvo o direito, comum a todos, do livre desenvolvimento da actividade pessoal.

As desigualdades intelectuaes e moraes são mais pronunciadas que as simples desigualdades fisicas.

O progresso da civilisação, longe de nos aproximar duma egualdade quimerica, tende a desenvolver estas diferenças, ao mesmo tempo que atenua a importancia

das distinções materiaes que as continham comprimidas.

Dá-se ao dogma da egualdade um caracter anarquico e levanta-se ele proprio contra o seu destino primitivo desde que, cessando de ver n'isso um dissolvente do antigo sistema politico, se quere aplica-lo ao novo sistema.»

Estas palavras não são uma censura, mas sim o resumo duma critica imparcial, duma analise cuidada.

O proprio Comte prevê a passagem do periodo que a sociedade portugueza tem atravessado, como se vê das seguintes considerações:

«A passagem dum sistema social a um outro supõe, durante algumas gerações, uma especie de interregno mais ou menos anarquico.

Os progressos politicos reduzem-se então á demolição do antigo sistema.

Esta transposição prévia é indispensavel, quer para permitir o desenvolvimento dos elementos do sistema novo, quer para estimular á reorganisação pela experiencia dos inconvenientes da anarquia.»

A loj.·. Pujança, procurando identificar, desde o inicio, a maneira de ver filosofica dos seus OObr.·. com os emblemas, principios e divisas, toma para expressão dos sentimentos caracteristicos dos que a adotam essa trilogia solida e positiva, magica como uma sentença de Christo e harmonica como uma proposição de Hæckel:

Justiça, Verdade, Trabalho!

Adotamos o rito francez por ser aquele que julgamos mais conforme com o desejo da maioria dos Ilr.·. do nosso quadro.

■

* *

Resp.·. Ven.·. e meus Ilr.·.

A loj.·. Pujança obriga-se a não aceitar do mundo profano qualquer unidade que não tenha dado, nesse mesmo mundo, provas de energia, de discreção e de solidariedade.

Não queremos que o iniciado tirocine depois de ser nosso Ir.·., quando já não temos força para o escorraçar, porque uma solidariedade sincera nos obriga a amar e proteger todo aquele a quem

foi dada luz a dentro dos nossos temp.·.!

Queremos o maximo rigor das penas impostas pelos codigos de justiça maç.·. para todo aquele que desmereça do nosso respeito; aqueles que no mundo profano se riem da ingenuidade dos que os auxiliaram a guindar a elevados cargos; aqueles que divulguem o mais ligeiro acontecimento, motivo, origem ou fim da comunidade.

Queremos o julgamento e punição imediatos dos maç.·. que no mundo profano abandonem os seus IIr.·., qualquer que seja a situação destes.

Queremos o castigo dos maç.·. que em qualquer meio se tenham portado de molde a não merecerem dos seus IIr.·. poderosos uma protecção expontanea e sincera.

Queremos uma Maçonaria forte, poderosa de facto, e não simplesmente no platonismo das frases rituaes.

Queremos uma Maçonaria onde cada um pense sem pressões, sem inspirações violentas. Que todos os catecismos de politica partidaria fiquem á porta dos temp.·. quais chinelos musulmanos de usar no mundo profano.

Que nos amemos, que nos auxiliemos todos, porque todos pertencemos, como maç.·. ao mesmo partido: o dos homens de bem!

Queremos a disciplina da ordem; aquela que se impõe pela evidencia dos seus resultados e não a que se regulamenta com escalas hierarquicas.

Queremos a selecção rigorosa do maç.·., porque não se conse-

guem corpos sãos e fortes com membros ou visceras arruinados.

Queremos, emfim, embora luctando contra todas as tendencias das sociedades modernas, até mesmo contra as taras ancestraes, porque estas tambem sao susceptiveis de correcção, que o maç.·. seja um homem virtuoso!

Não é o virtuoso tartufo que pretendemos!

Não o queremos á semelhança daquele cuja casca é a vil sotaina de Loyola.

Queremo-lo como queria Voltaire, esse Maç.·. ilustre, esse espirito livre como o ar, essa aguia que legou á França de hoje a maioria das remiges com que os seus filhos a fazem voar para a Victoria, e que fez á cerca da

virtude as seguintes considerações: (1)

«O que é a virtude? Beneficencia para com o proximo. Posso eu chamar virtude outra couza que aquilo que me faz bem?

Eu sou indigente, tu és liberal; eu estou em perigo, tu vens em meu socorro; enganam-me, tu dizes-me a verdade; abandonam-me, tu consolas-me; sou ignorante, tu instrues-me; chamar-te-hei sem dificuldade virtuoso.»

Referindo-se ás virtudes teologaes e cardiaes, diz:

«Que me importa que tu sejas sobrio?

É um preceito de higiéne que observas; terás melhor saude e por isso te felicito. Tu tens a fé e a esperança, ainda mais te feli-

(1) Voltaire — Dictionnaire Philosophique, pg. 329.

cito: elas te obterão a vida eterna. As tuas virtudes teologaes são dons celestes; as cardiaes são excelentes qualidades que servem para te conduzires; mas não são virtudes em relação ao teu proximo. *O prudente faz bem a si proprio, o virtuoso fa-lo aos homens.*»

«Nós vivemos em sociedade; não ha portanto verdadeiramente bom para nós senão aquilo que faz o bem da sociedade. Um solitario será sobrio, piedoso; estará revestido dum cilicio: pois bem, será santo ; mas não o chamarei virtuoso senão quando ele tenha feito qualquer acto de virtude do qual os outros homens terão aproveitado.»

«A virtude entre os homens é um comercio de beneficencia; aquele que não tem nenhuma par-

te neste comercio não deve ser contado.»

Referindo-se a Antonino Pio, esse imperador romano que tanto favoreceu a agricultura da sua patria, que fez leis para o escravo obrigando o senhor que o maltratasse a vende-lo, que protegeu a mulher a ponto de nao poder ser perseguida por adulterio pelo marido, a nao ser que este demonstrasse não ter faltado á fidelidade conjugal; que tanto desenvolveu as letras e a arquitetura, Voltaire termina nos seguintes termos:

"Alguns teologos dizem que o divino imperador Antonino nao era virtuoso; que era um estoico teimoso, que não contente de mandar homens, queria ainda ser estimado por eles; que restituia

a si mesmo o bem que fazia ao genero humano; que foi toda a sua vida justo, laborioso, beneficente por vaidade, e que não fez senão enganar os homens pelas suas virtudes." E arrancando uma exclamação energica Voltaire exprime-se de modo a concluirmos que bem valem aqueles a quem a critica dos teologos classifique de patifes, mas a quem o resto da humanidade, devendo auxilio, justiça e amor classifique de virtuosos!

Precisamos de homens virtuosos?

Pois bem; faremos o mais que em nós possivel seja para os conseguirmos e se a tal resultado chegarmos considerar-nos-hemos largamente compensados de todo o nosso labor!

Terminando, tenho a honra de traduzir os sentimentos da minha

loj.·. enviando não só aos Maç.·. do Gr.·. Or.·. L.·. U.·., mas tambem a todos os restantes Maç.·. do Universo o nosso sincero abraço fraternal, como prova do quanto desejamos que a união Maç.·. seja um facto e que os homens que trabalham para o bem da humanidade, livrando-a das camadas parasitarias que a intoxicam e sufocam, possam viver felizes não só pelo resultado da sua obra, mas tambem pelo bem estar resultante da confiança na força e justiça da Maç.·.

Disse.